



A FIGURA DO INTELLECTUAL NA FILOSOFIA BRASILEIRA. A CONSTRUÇÃO METAFILOSÓFICA DA IDENTIDADE DO INTELLECTUAL NO SÉCULO 21 *

*The figure of intellectual in Brazilian Philosophy. The
metaphilosophical construction of the intellectual's identity in the
21st century*

Lúcio Álvaro Marques **

Resumo: O avanço recente das pesquisas sobre filosofia brasileira permite aprofundar discussões sobre o método e a figura do filósofo em nós. Nesse sentido, proponho uma análise qualitativa, de cunho histórico, para delinear o método e essa figura do filósofo no século 21. Após situar o estado da arte das discussões sobre o tema na América Latina, explico como a metafilosofia vem ganhando centralidade na filosofia nacional. Daí, caracterizo o método metafilosófico empregado por Ivan Domingues e o aplico ao catálogo de filósofos/os nacionais presentes em uma obra de Enrique Dussel. Contraponho o catálogo de Dussel à possível recepção dessas/es filósofas/os na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. A partir de onde torna-se possível explicitar quais são os nomes que melhor ocupariam o posto de *scholars* e de intelectual cosmopolita globalizado no Brasil.

Palavras-chave: Filosofia Brasileira. Método. Scholar. Metafilosofia.

Abstract: Recent advances in research on Brazilian philosophy allow for deeper discussions on the method and figure of the philosopher within us. In this sense, I propose a qualitative, historical analysis to outline the method and

* Artigo recebido em 25.02.2026 e aprovado para publicação em 07.06.2026.

** Doutor em filosofia pela PUCRS. Professor no Departamento de Filosofia da UFTM. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7571-0977> E-mail: lucio.alvaro.marques@gmail.com

figure of the philosopher in the 21st century. After situating the state of the art of discussions on the topic in Latin America, I explain how metaphilosophy has been gaining centrality in national philosophy. From there, I characterise the metaphilosophical method employed by Ivan Domingues and apply it to the catalogue of national philosophers present in a work by Enrique Dussel. I contrast Dussel's catalogue with the possible reception of these philosophers in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations. From there, it becomes possible to explain which names would best occupy the position of scholars and globalised cosmopolitan intellectuals in Brazil.

Keywords: **Brazilian Philosophy. Method. Scholar. Metaphilosophy.**

Introdução

A pesquisa sobre a filosofia brasileira (doravante: FB) tem sido objeto de renovado interesse nas duas últimas décadas. Não que tal esforço estivesse ausente no século passado, e o catálogo de obras o mostram, mas houve um ganho notável de intensidade na pesquisa atual. Este se deve, sobretudo, ao aporte de novas metodologias de pesquisa, quer historiográfica, quer ensaística, onde se destacam, respectivamente, por exemplo, Paulo Margutti e Ivan Domingues. Por isso, necessário se faz especificar uma abordagem capaz de dar uma ideia do estado da arte da pesquisa na área. Em virtude disso, destaco o ensaio metafilosófico, situando, em primeiro lugar, a herança latino-americana nos debates metafilosóficos nas duas últimas décadas e, em segundo lugar, sua reformulação na pesquisa sobre FB. Expostos os traços em comum com a herança latino-americana e um conceito de ensaio metafilosófico nas duas primeiras partes, passarei à caracterização da figura do intelectual público na FB no século 21, mediante um elenco de possíveis nomes que ocupariam a *ágora* filosófica brasileira com potencial entrada no campo da agenda internacional da filosofia.

Não se trata de advogar um lugar ao sol para alguém que possa ocupar o lugar filosófico entre nós, mas de avaliar até que ponto algum intelectual brasileiro alcança o nível de poder ser reconhecido como filósofo público ou intelectual cosmopolita globalizado dentro do campo do debate internacional, não apenas sendo aceito por seus pares estrangeiros, mas enquanto alguém que traga uma contribuição relevante para as discussões no campo das ciências humanas e/ou sociais, com especial relevo para a filosofia. Qualquer um pode objetar que isso é um exercício bizantino, uma vez que já existem listas de nomes que bem os contemplam, e eu não nego tal fato. Entretanto, há que se considerar que algumas listas podem pecar por excesso — mais de 500 nomes (cf. JAIME, 1997, p. 22), lembrando que são citados apenas os que contribuíram de forma profunda, original e válida para a nossa filosofia -, ou por falta — “a relativa ausência de pensadores e filósofos em nossos meios, cujo número mal cabe numa mão”

(DOMINGUES, 2009, p. 21). Entre o excesso e a falta, é preciso pôr os olhos nos nomes dos possíveis candidatos e analisá-los com atenção. Para tanto, tomarei uma lista relativamente recente: os 19 filósofos brasileiros presentes em *El pensamiento filosófico latinoamericano*, organizado por Enrique Dussel, Eduardo Mendieta e Carmen Bohórquez (2009, p. 807-831), pondo-os em análise à luz do tipo ideal e do tripé semiótico exposto na *Filosofia no Brasil*, de Ivan Domingues (DOMINGUES, 2017).

Uma vez delineada a identidade do intelectual do campo filosófico, a saber, a figura que preenche a ideia de um tipo ideal, aplicarei os critérios do tripé semiótico aos nomes elencados na obra de Dussel, Mendieta e Bohórquez (2009), não apenas para destacar traços determinantes do intelectual brasileiro, mas sobretudo para indagar quem são os possíveis filósofos brasileiros que participam da *ágora* internacional do pensamento com contribuições profundas, originais e válidas para o campo da filosofia.

1. Notas sobre o estado da arte

Por uma questão de rigor, teríamos que considerar, no mínimo, cinco obras publicadas no Brasil desde o ano 2000. Algumas leituras contextualizadas sobre *Conversas com filósofos brasileiros*, de Marcos Nobre e José Márcio Rego (NOBRE e REGO, 2000), e *Historia del pensamiento filosófico latino-americano*, de Carlos Beorlegui (BEORLEGUI, 2010) poupam retomar essas obras (MARQUES, 2023). De minha parte, julgo necessárias as leituras propostas nas demais obras latino-americanas sobre a situação da FB e, neste caso, as três obras que leremos são *El pensamiento filosófico latinoamericano*, organizado por Enrique Dussel *et alii* (2009), *A Companion to Latin American Philosophy*, editado por Susana Nuccetelli, Ofelia Schutte e Otávio Bueno (2010), e *Textos seleccionados de filosofía latino-americana I*, organizado por Carla Murad e L. Marques (2021). A questão central neste tópico é esta: que lugar, método e forma têm sido atribuídos à FB nas últimas décadas? Ou melhor, o que se quer dizer quando se fala de FB à luz do espectro latino-americano dentro das pesquisas recentes?

Malgrado uma tendência completamente equivocada que pretendia pensar o Brasil com certa distância em relação à América Latina, é justo notar que tal equívoco felizmente tem sido superado à medida que vem acontecendo uma renovação dos quadros do pensamento brasileiro. Exemplifico com *¿Que es eso de... Filosofía latino-americana?*, editado por German Marquinez Argote (1981), que trazia o estado da arte nas décadas de 70 e início de 80 e não tem nenhum capítulo dedicado à FB, uma vez que o convidado brasileiro parece ter declinado na última hora, reforçando a impressão de um percurso filosófico à parte.

Esse quadro foi mudado apenas tardiamente, por exemplo, em *El pensamiento filosófico latinoamericano* (DUSSEL, MENDIETA y BOHÓRQUEZ, 2009), onde se situam variadas tendências. Na primeira parte, trata a filosofia desde os povos originários até a Modernidade tardia. Na segunda, abordam-se correntes filosóficas do século 20, destacando o antipositivismo, a fenomenologia, as filosofias cristã, das ciências, analítica, da revolução e marxista, da libertação, feminista, ambiental, bioética, política, do direito e a filosofia dos “latinos” nos EUA, além do aspecto que nos interessa, o pensamento filosófico brasileiro, no capítulo redigido por Euclides Mance (MANCE, 2009, p. 495-517). Na terceira parte, a abordagem segue os temas clássicos da filosofia – ética, estética, ontologia e metafísica, e as filosofias da história, da religião, da economia, da pedagogia, juvenil, infantil, intercultural, indigenismo, pensamento decolonial, zapatista e o “giro descolonizador” – com apreço à recepção da agenda internacional sob o prisma da reelaboração no pensamento latino-americano. E, na quarta parte, há o elenco analítico dos filósofos desde os tempos dos povos originários até o século 18, incluindo os filósofos da emancipação, marxistas e revolucionários, bem como conservadores, liberais, krausistas e positivistas, além do elenco de filósofas/os de vários países das mais variadas tendências: Brasil, México, Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai, Peru, Equador, Colômbia, da Venezuela, América Central, Caribe até os “latinos” nos EUA.

O pensamento filosófico brasileiro no século 20 é destacado por produzir e publicar um rol de obras e revistas de considerável valor filosófico, além de instituir departamentos de filosofia, profissionalizando a atuação na área. As práxis filosófica e social problematizaram o projeto de país em curso até meados daquele século. Entretanto, a contraofensiva conservadora no pensamento brasileiro conseguiu a façanha de fazer valer uma ideia de identidade harmônica fundada na ordem e na conservação da paz e, mais que isso, sem promover um projeto de real transformação social do país. O tal projeto esteve sempre nas mãos das elites dominantes. De onde resultou um quadro negativo: aliando os mitos de imparcialidade, concórdia e ecletismo, o pensamento filosófico brasileiro seguia como uma realidade ausente em virtude da “situación de dependencia de Brasil con relación a los países europeos” (MANCE, 2009, p. 517).

Por sua vez, na obra *A Companion to Latin American Philosophy*, de Nuccetelli et alii (2010), a presença da filosofia brasileira ainda é bastante discreta, aparecendo em pouco mais que o capítulo 11, dedicado à fenomenologia, e no 15, à lógica paraconsistente, assinados, respectivamente, por Nythamar de Oliveira, Newton da Costa e Otávio Bueno. As demais referências dedicam mais atenção a Leonardo Boff que a Miguel Reale, por exemplo. O outro autor brasileiro de destaque é Paulo Freire, no capítulo 21, em que Iván Márquez trata da *Liberation in Theology, Philosophy, and Pedagogy*, dedicando o terceiro tópico à leitura da *Pedagogia do oprimido*. Embora A

Companion (NUCCETELLI, SCHUTTE e BUENO, 2010) tenha sido resenhada como a “pesquisa mais abrangente da filosofia latino-americana” (doravante: FLA), está longe de cumprir o pedido, uma vez que desconhece parte dos desdobramentos das pesquisas naquele tempo, bem como deixa uma série de nomes importantes fora do debate. Ainda assim, há que se notar que aí, junto com Leonardo Boff, Paulo Freire figura entre os filósofos da libertação.

Nos *Textos selecionados de filosofia latino-americana I* (MURAD e MARQUES, 2021), destaco os capítulos de Jorge Gracia e Manuel Vargas, de Eduardo Mendieta e o de Susana Nuccetelli. O primeiro faz uma leitura da FLA em três momentos no século 20, sendo o primeiro, a reação ao positivismo (1910-1940), o segundo, o período de normalidade (1940-1960), e o terceiro, de 1960 até hoje, onde se destaca a profissionalização da filosofia e a maturidade da sua prática entre nós. O que caracteriza essa fase é a interação crítica com as ideias estrangeiras, o diálogo interno entre os intelectuais da América Latina e a institucionalização da filosofia profissional, cujo resultado se reconhece nos quatro ramos de maior destaque teórico desde a década de 60: o pensamento social marxista, as filosofias analítica e da libertação, e a história da filosofia (GRACÍA e VARGAS, 2021, p. 29). Em sua maturidade, a FLA estaria centrada na discussão sobre os direitos dos ameríndios, na identidade de seus povos, na antropologia filosófica, na filosofia feminista, e na própria busca de uma identidade filosófica latino-americana (GRACÍA e VARGAS, 2021, p. 35-42).

Com isso, Gracia e Vargas apresentam uma leitura muito pertinente da FLA, sem, no entanto, propor um enquadramento teórico mais preciso. Não obstante, o que apresentam já é suficiente para o estabelecimento do estado da arte pretendido aqui. Doravante, o que busco é apresentar uma chave metodológica que tem ganhado destaque entre os pesquisadores, a saber, a metafilosofia. Não se trata de uma tarefa recente nem isolada, mas de uma tendência já presente na FLA que, mais recentemente, estendeu-se também à FB.

Independentemente do apreço que se tem pela filosofia da libertação, não há como negar que se trata de uma das vertentes mais originais do pensamento latino-americano. Quer por seu objeto (o oprimido) quer por seu método, a filosofia da libertação demarca uma importante posição na *ágora* internacional ao pensar a América Latina não através das lentes filosóficas europeias, o que não leva a desprezá-las. Antes, é uma filosofia que se faz a contrapelo do pensamento europeu tanto por se situar na periferia do sistema neoliberal majoritário quanto por reverter o ponto de partida da questão filosófica da universalidade teórica em direção à singularidade histórica do oprimido. Para ela, é irrenunciável o caráter crítico, comprometido, engajado e libertador, já que renunciar à crítica do sistema neoliberal seria renunciar a si mesma. Nesse ponto, emerge

um pensar libertador que enquanto “uma crítica de todas as formas de dependência filosófica e inautenticidade, é consciente e declaradamente uma metafilosofia” (MENDIETA, 2021, p. 48).

A filosofia da libertação é uma metafilosofia, porque não se conforma em reproduzir as categorias do pensamento do eixo norte apenas apropriando-as como se fossem naturalmente suas, mas as desconstrói para abrir espaço ao pensamento do outro, do excluído, do oprimido. É nessa chave que, crescentemente, a própria metafilosofia latino-americana tem se voltado sobre si mesma para entender o alcance de sua tarefa e os pressupostos de sua realização histórica, por isso “a metafilosofia da FLA é por si só um dos tópicos centrais da FLA” (NUCCETELLI, 2021, p. 74-75). Vale dizer, pensar as condições de sua realização histórica tornou-se um imperativo da própria FLA.

As consequências mais visíveis até aqui são estas: (i) ainda há certo distanciamento da FB em relação à própria FLA, como se, de alguma forma, fosse mais fácil e produtivo buscar o diálogo com a filosofia do eixo norte que com os vizinhos continentais; (ii) inegavelmente, o desenvolvimento da FLA na segunda metade do século 20 trouxe um influxo altamente benéfico para a FB à medida que esta foi impulsionada a se abrir mais e mais para o diálogo entre nós; (iii) a filosofia da libertação, enquanto uma das marcas principais da filosofia contemporânea, tem uma presença marcante no Brasil, bastando, para tanto, exemplificar com a ética ecológica de Leonardo Boff, a crítica da economia política de um Jung Mo Sung e de Hugo Assmann até o pensar libertador de Paulo Freire; (iv) há uma abertura entre nós não só para dialogar sobre os conteúdos da FLA, mas também para aprimorar tanto a forma quanto o método do fazer filosófico latino-americano e brasileiro. Quanto a este ponto, há uma convergência entre a assunção da metafilosofia enquanto método em nível continental, quanto sua renovada presença na FB dentro de alguns autores e textos precisos, o que analisarei na sequência.

De certa forma, a metafilosofia pode ser caracterizada tanto dentro do espectro geral da pesquisa sobre a FB quanto como método específico de investigação. Três dimensões centrais têm se destacado na pesquisa filosófica brasileira: a historiográfica, sobretudo em virtude dos esforços de reescrever a história do pensamento nacional com renovado vigor metodológico; a metalinguística, centrada no diálogo com as pautas das minorias e as fronteiras entre o pensar filosófico e a interdisciplinaridade; e a autocrítica da própria filosofia que, crescentemente posta em descrédito pela agenda governamental neoliberal, começa a se interrogar de forma mais direta sobre as razões de sua própria legitimidade histórica e social (MARQUES, 2023). Dentro do espectro da metafilosofia, embora diversos textos tenham sido caracterizados grosseiramente como tais, indico alguns que logram de fato cumprir essa tarefa: *Panorama da filosofia no Brasil*, de

Luís Washington Vita (1961); *Crítica da razão tupiniquim*, de Roberto Gomes (1977); *Um departamento francês de ultramar*, de Paulo Arantes (1994); e *Filosofia no Brasil*, de Ivan Domingues (2017) (cf. MARQUES, 2024a, p. 57).

Deste elenco, os dois últimos se destacam tanto pelo ensaísmo quanto pela metafilosofia, além de uma considerável dose de ironia presente em Arantes (1994), o que leva não poucos intérpretes a tomá-lo canhestamente como um ponto de partida para a FB, como se tudo tivesse começado em São Paulo e na USP, quando, de fato, Arantes faz uma análise irônica da apatia filosófica reinante. Como este não é o nosso objeto agora, vejamos como a metafilosofia vem sendo caracterizada na FB para dar, ao fim e ao cabo, uma possível resposta à questão: associada à exegese e à história da filosofia, que lhes dão os fundamentos e os conteúdos, quão produtiva é a metafilosofia para a FB?

2. A metafilosofia como método

Nos últimos anos, Murilo Rocha Seabra voltou-se ao tema tanto em *Metafilosofia* (SEABRA, 2014) quanto em *Cognitive colonialism: Nationality bias in Brazilian academic philosophy* (SEABRA et alii, 2023), assinado com L. Prendergast, G. S. A. Antunes e L. Tolton. No primeiro texto, o autor critica o *mainstream* filosófico, ainda majoritariamente centrado na prática do comentário de textos de autores europeus como forma prioritária de fazer filosofia. O que estaria em questão nesse fazer filosófico é a luta simbólica entre os que se consideram donos do terreno e aqueles que aspiram por um lugar ao sol. Afinal, o que de fato conta na filosofia não são tanto os argumentos e sua coesão, mas aqueles que “têm o poder de legitimar e deslegitimar linhas de conduta” e, no caso, a luta simbólica sobrepõe-se à autoridade do argumento (SEABRA, 2014, p. 199). A crise filosófica em torno da liberdade do pensamento tem resultado igual a zero, porque, em última instância, prevalece a insipidez do projeto exegético sobre a radicalidade do pensar livremente e o império do “comento, logo existo” (SEABRA, 2014, p. 88). Em resumo, o comentário exegético e o fetichismo do texto prevalecem sobre o pensamento, como já foi destacado não só por Paulo Arantes, mas também por José Arthur Giannotti e pela sagaz ironia de Michel Foucault que reconheceu na USP nada mais que *um departamento francês de ultramar*.

Em um artigo recente, Seabra et alii (2023, p. 113) seguem na mesma direção apontando não somente o preconceito que vige contra autores nacionais, mas sobretudo a preferência por autoras/es estrangeiras/os e a deliberada exclusão de autoras/es nacionais entre as referências acadêmicas, tudo isso como fruto de um histórico colonialismo intelectual perpetrado por elites

que preferem submeter a inteligência ao crivo estrangeiro. Criticando o argumento da falta de qualidade dos filósofos brasileiros, sustentado por Gustavo Caponi e Vladimir Safatle, Seabra *et alii* (2023, p. 116) advogam uma postura de negação da própria atividade filosófica, uma vez que produziríamos apenas comentários bruscos e maçantes, portanto “things would be much easier if they simply did not even *try* to do that which they are in principle *incapable* of doing”. Essa postura deveria ser seguida pelo reconhecimento da ideia de que, na economia do pensamento, não nos caberia produzir filosofia, apenas consumir o que foi produzido por outros filósofos ou, ao contrário, “to do philosophy we must wage an inner struggle against ourselves”. Donde a necessidade de mudança de atitude, em busca de uma saída antes de tudo política, levada a cabo mediante a destruição dos nossos preconceitos e o reconhecimento de que podemos pensar mesmo tendo “a less perfect Brain” (SEABRA *et alii*, 2023, p. 115).

Essa postura e formulação soam um certo inatismo algo fatalista e pouco convincente. Ademais, o ponto da discussão sobre o estado da arte parece que já ultrapassou bastante essa postura que, em parte, veria na condição humana brasileira uma incapacidade inata. Longe de voltar a esse ponto do debate, que seria um *déjà vu* da antiquíssima acusação de ausência de cabeça filosófica no brasileiro (BARRETO DE MENESES, 1926, p. 249), é preciso reconhecer que há uma outra pauta em questão: até que ponto nos integramos na agenda filosófica latino-americana?

Em uma direção mais refinada, Fanton *et alii* (2024) propuseram uma análise tanto das tendências temporais quanto de gênero na FB. Em um levantamento longo, analisaram mais de doze mil resumos de dissertações e teses filosóficas produzidas entre 1991 e 2021. Empregando a modelagem de tópicos estruturais (STM, sigla inglesa de *structural topic modeling*), chegaram a dois resultados interessantes: primeiro, prevalecem temas e problemas específicos na pesquisa filosófica brasileira, o que potencialmente é, de certa forma, contraintuitivo para pensar escolas de pensamento de mais longo alcance; e, segundo, as escolhas temáticas são mais influenciadas pelo gênero das/os pesquisadoras/es que propriamente por uma coesão e/ou afinidade teórica com uma determinada matriz filosófica. Este ponto, do gênero, na realidade poderia ter sido mais desenvolvido por eles.

O que se depreende dos dois artigos é que a metafilosofia em suas diferentes vertentes tem sido um instrumento válido para análises de longa duração ou, especialmente, para os casos onde o volume de dados torna inviável a interpretação não quantificável ou não parametrizável em ocorrências temáticas. Os dois artigos recorrem a um misto de análise quantitativa com resultados interessantes, com destaque, sobretudo, para o segundo na modulação dos dados básicos da pesquisa. Essa, porém, não é a tendência predominante no uso metafilosófico proposto por Ivan Domingues (2017, p. 99-106): não obstante lance mão de dados em larga

escala em determinados momentos, nem por isso o aspecto quantitativo foi sobreposto ao qualitativo, uma vez que a metafilosofia serve ao *ensaio* filosófico. Vejamos.

Ivan Domingues assume a metafilosofia em sentido estrito enquanto uma filosofia da filosofia, cujo objeto é o “problema filosófico da existência ou não de uma filosofia no Brasil”, vale dizer, há uma filosofia *qualitativamente* brasileira capaz de se justificar teoricamente? Com esse ponto de partida, ele visa construir uma obra na forma de “*ensaio* filosófico” (DOMINGUES, 2017, p. 2), segundo autores que lhe serviram de inspiração: três paulistas, João Cruz Costa, Bento Prado Jr. e Paulo Arantes, e um mineiro, Henrique Cláudio de Lima Vaz. A diferença presente nessa obra deve-se ao fato de não ser uma análise no campo da história, embora se valendo dela, mas no campo da metafilosofia, aliada a outras ciências. Daí nasce um ensaio metafilosófico dentro do “liame entre a história da filosofia, a história da cultura, a história da mentalidade e a história social” (DOMINGUES, 2017, p. 67), tendo como resultado um debate interdisciplinar onde as pesquisas quantitativas estão a serviço dos argumentos qualitativos. As diversas abordagens da história – filosófica, cultural, intelectual e social – convergem em uma discussão que só poderia ser de caráter e nível metafilosófico, com uma orientação teórica forte.

Não menos que a exegese e os chamados estudos monográficos, a pesquisa histórica em suas diversas abordagens não constitui um fim em si mesma. Ao contrário, a finalidade é compor uma filosofia da FB, ou melhor, enfrentar o problema da filosofia no Brasil buscando responder à questão se há ou não uma filosofia que possa ser dita *adjetivamente* brasileira (DOMINGUES, 2017, p. 379). Porém, a metafilosofia exige uma filtragem de dados demasiado grande, uma vez que as abordagens históricas fornecem um sem-número de possibilidades. Por isso Ivan Domingues as conjuga com elementos dos métodos *in absentia* e *in praesentia*. Trata-se de duas heranças indiretas da linguística estrutural a serem colocadas a serviço do ensaio metafilosófico. De um lado, a variedade de dados sociais, econômicos, históricos, políticos e culturais inviabilizam uma síntese imediata, por isso o método *in praesentia* permitirá elaborar sínteses especulativas, ideais e virtuais, transferindo uma grande quantidade de informações do plano do real para o mundo do pensamento no corpo do método *in absentia*, em meio às abstrações e às análises contrafactuais; de outro, dando à multiplicidade dos dados a plasticidade do pensamento e das ideias (DOMINGUES, 2017, p. 4).

Naturalmente, um livro de metafilosofia seria inviável se permanecesse preso ao factualismo estatístico. De onde se segue a necessidade imperiosa de um afastamento teórico do real empírico para o campo operativo da argumentação. Mais que isso, uma vez que os dados são transformados em conceitos, torna-se igualmente possível lastrear os “contrafatos da experiência e controlado pelas regras de funcionamento da mente”, através do

“uso de tipos ideais” (DOMINGUES, 2017, p. 5). Emerge aqui o momento weberiano da obra, a busca de constituir um tipo ideal capaz de transferir a multiplicidade dos dados empíricos para o ponto da virtualidade dos conceitos teóricos. O somatório dos dados discretos reunidos na unidade do conceito permite formar “um *quadro de pensamento* homogêneo (*einheitlich*)” (Weber *apud* MARQUES, 2018, p. 153). Constituído o tipo ideal, ele será aplicado na compreensão dos autores que representam da melhor forma a *intelligentsia* brasileira ao longo dos cinco séculos. A partir daí, bastará apenas mais um ajuste que virá do campo da literatura, o tripé semiótico.

A intenção é explícita: “é preciso falar de obras, no sentido de Antonio Candido, e averiguar em que medida ou extensão elas nos autorizam a falar em sistema ‘filosófico’ brasileiro” (DOMINGUES, 2017, p. 301). Porém, há um problema: a distância entre a literatura e a filosofia. Não sem alguma hesitação, Domingues transpõe o tripé semiótico para o campo da metafilosofia, o que permite um avanço considerável na discussão. Afinal, se se quer falar de filosofia, é preciso que existam filósofos e obras filosóficas a serem consideradas, e espera-se um público leitor. Esse é o princípio transposto da *Formação da literatura brasileira*:

a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros. (CANDIDO, 2000, p. 23)

Eis a formulação do que se convencionou chamar tripé semiótico (o sistema autor, obra e público) que, uma vez aplicado à filosofia da FB, distinguiria quem vem de uma filiação teórica e quem merece figurar no panteão dos deuses.

O tripé é uma genuína herança d’*A philosophia no Brasil* (1878), de Sílvio Romero, que subsidiou a tese de Antonio Candido, *O método crítico de Sílvio Romero* (redigida em 1944 e 1945). Em resumo, o tripé quer combater três disfuncionalidades teóricas: a ausência de herança transmitida de uma geração à outra, a carência de um tipo ideal representativo da *intelligentsia* nacional e a falta de um sistema de obras e autores (CANDIDO, 2006, p. 86; 125; 178). Na direção oposta, se tivermos autores, obras e público leitor dentro do campo da filosofia brasileira, será um sinal patente de que temos uma filosofia enquanto tal. Aí, sim, é possível passar ao derradeiro lugar da argumentação de Domingues, respondendo à questão sobre quem preenche a condição de um tipo ideal representativo da *intelligentsia* nacional, a saber, um tipo ideal hipostasiado ou “tipificado no *scholar* e no intelectual público” (DOMINGUES, 2017, p. 385).

Dessa forma, a metafilosofia leva necessariamente à delimitação do intelectual público, depois de ultrapassar a fragmentação das abordagens

históricas mediante a síntese proveniente da soma dos métodos *in absentia* e *in praesentia*, tornando-se possível delimitar o tipo ideal – o *scholar* e o intelectual público – capaz de representar a figura maior da inteligência, enquanto um nome que reúne por si só a autoria, a obra representativa da *intelligentsia* brasileira e o público leitor capaz de se reconhecer nessa *intelligentsia*.

3. O intelectual público como representante da *intelligentsia*

No último tópico desta análise, é preciso seguir alguns passos: primeiro, caracterizar esse intelectual público; segundo, situar epistemologicamente sua função social; e terceiro, apontar o horizonte último de significação de sua obra. Naturalmente, pensando que a filosofia é puro exercício conceitual, este poderia ser o limiar desta análise. Porém, colocar em questão a força e produtividade do método proposto pelo autor permitirá depurar, de forma considerável, um elenco de candidatos a filósofos brasileiros e, como já foi dito, retomarei as/os filósofas/os presentes em *El pensamiento filosófico latino-americano* (DUSSEL, MENDIETA y BOHÓRQUEZ, 2009), apenas a título de exemplo.

Independentemente do risco de se aventurar na delimitação do tipo ideal representativo da *intelligentsia* nacional, Ivan Domingues apresenta, ao fim e ao cabo, tanto a figura do *scholar* quanto a do intelectual cosmopolita globalizado. O *scholar* foi secularizado no início do século 20, deixando de lado quer o molde do intelectual orgânico da Igreja dos tempos coloniais, quer o apego à retórica e à erudição histórica do intelectual diletante estrangeirado que dominou nossos meios no curso do século XIX. Convertido à ciência e certo do fim da era do polímata, o *scholar* especializado reúne o “erudito (humanidades) e o *expert* (ciências) e é quem comandará a cena e irá instalar um novo mandarinato” (DOMINGUES, 2017, p. 415), sendo cada vez mais preocupado com a especialização e os possíveis lucros de algum produto intelectual. Na condição de tipo ideal, ele está preso nas teias da vida universitária sem muita possibilidade de saltar para o espectro mais amplo, aquele ocupado pelo intelectual cosmopolita globalizado, que representa o topo da cadeia alimentar da espécie: “*cosmopolita* como o intelectual público, porém sem carregar sua agenda com a missão e a agenda política, aprisionado ao contexto nacional e local, ao trocá-las por temas da cultura e desafios da atualidade, em uma perspectiva mais ampla e virtualmente universal” e globalizado, tanto no sentido de cidadão do mundo quanto no sentido de desterritorializado contemporâneo, ou seja, um intelectual adaptado ao “mundo globalizado e transnacional” (DOMINGUES, 2017, p. 546). Se o *scholar* é identificável nas hostes da universida-

de brasileira (por exemplo, Newton da Costa), o intelectual cosmopolita globalizado, na esteira do pensador universal, ainda é alguém que está por emergir em nossa cultura, sobretudo considerando as marcas do seu ascetismo intramundano, o criticismo, o cosmopolitismo, o pessoalismo e o inconformismo típicos de tal figura (DOMINGUES, 2017).

Tanto um quanto outro seguirão, de um lado, uma ética republicana e, de outro, uma orientação teórica interdisciplinar, como nos casos de Foucault e Habermas. Contudo, há variantes que passam ao largo da ética republicana, como nos casos de Nietzsche com seu aristocratismo e do próprio Heidegger com sua *Kehre* pré-socrática, que troca a ciência pela arte em sua refundação da filosofia – filosofia, como a de seu tempo, cujo nome ele hesita dizer, ficando com o pensamento reflexivo. Críticos do produtivismo acadêmico e cientes da necessidade de pensar uma ética para a ciência, tanto o *scholar* quanto o intelectual cosmopolita globalizado se firmarão na crítica à pura ética utilitarista, em vista de reconectarem à ética republicana ao *éthos* científico à la Robert K. Merton (DOMINGUES, 2014, p. 247). Neste ponto, o filósofo reúne os dois tipos ideais na possibilidade de superação do individualismo e utilitarismo modernos, uma vez que a ética republicana reinsere o intelectual na luta por uma compreensão pública de seus deveres.

Ato contínuo, a vida intelectual sai da clausura epistêmica à medida que é capaz de ver e reconhecer a necessidade de atender às demandas do momento, a saber: a impossibilidade de fazer filosofia isolada dos avanços da ciência (as ciências explicativas) e das conquistas das ciências sociais aplicadas (as ciências descritivas), impondo uma nova agenda e forma de pensar interdisciplinar, superando a “filosofia do conceito” em direção ao pensar dialógico que articula as especialidades em forma de diálogo crítico. No espaço cosmopolita globalizado não há possibilidade de legitimar a função das ciências humanas senão mediante uma perspectiva globalizada, de fato e de direito, unindo um verdadeiro quarteto epistemológico das ciências positivas, hermenêuticas, estruturais e dialéticas, o que o filósofo propõe sob a forma de um “tripé descrição/explicação/interpretação” (DOMINGUES, 2012, p. 25).

A visão globalizada cosmopolita do intelectual se legitima na própria compreensão das relações interdisciplinares, reunindo as ciências descritivas, explicativas e interpretativas dentro de um todo articulado pelo horizonte da ética republicana e do dever do intelectual para com o seu tempo e seu lugar, sem jamais esquecer sua condição cosmopolita, autorizando-nos a falar de uma *ágora* transnacional das ideias, para além do nacional e do local, como na agenda do chamado pensamento decolonial. Dito isso, necessário se faz aplicar todo esse aparato à compreensão da figura do intelectual na FB.

Certo é que os dois primeiros passos já estão dados, a saber, temos uma lista de autores com suas respectivas obras, pois isso constitui uma con-

dição adequada para a avaliação dentro da estrutura do tripé semiótico. Na condição de cultores da filosofia, não é difícil imaginar que raramente haverá um *bestseller* no grupo, porém é provável que alguns encontrem recepção na academia e mesmo fora dela. Como parâmetro de recepção e público acadêmico, consulte o catálogo presente na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) até março de 2025, restrito à filosofia. O procedimento é simples. Os nomes listados por Dussel *et alii* (2009, p. p. 807-831¹) serão consultados nos campos de título, assunto e resumo, sendo a autoria o único aspecto excluído neste levantamento, além de verificar o campo de indexação da dissertação ou tese, para saber se se encontra na filosofia ou em quais outras áreas.

Uma consulta como essa pode reduzir a presença de autoras/es mais recentes, mas dão uma ideia do estado da arte quanto ao catálogo selecionado (DUSSEL *et alii*, 2009). Certamente, isso serve apenas como contraprova, e com isso quero dizer que o tripé semiótico não pode ser absoluto, senão autores como Caio Prado Jr., Florestan Fernandes, Luís Washington Vita e Marilena Chauí, por exemplo, não teriam ainda nenhuma fortuna crítica no campo estrito da filosofia por não terem nenhuma indicação na área. Por óbvio, isso é um equívoco pensando, sobretudo, em relação a Vita e Chauí. E mais, os nomes de Vita, Japiassu, Chauí, Wolkmer, Ludwig e Mance nem na filosofia nem em outra área estão representados. O que, mais uma vez, confirma o risco de pretender criar “listas canônicas” de possíveis filósofos/os. Diversamente, F. Brito, O. Andrade, L. van Acker, J. Cruz Costa, Álvaro V. Pinto, M. Reale, Paulo Freire e H. C. Lima Vaz seriam os candidatos a filósofos com público, ao menos dentro da BDTD. Por certo, são nomes dignos de atenção em maior ou menor escala. Entretanto, excetuando aqueles que têm só uma menção de dissertação ou tese na área de filosofia, ficaríamos então somente com Paulo Freire e Lima Vaz, com seus lastreamentos mais significativos.

Isso colocaria múltiplas dificuldades de ordem conceitual e histórica. De um lado, Paulo Freire, com amplo reconhecimento mundial, não angariaria um maior reconhecimento como filósofo para muitos autores da filosofia por não ter formação na área e ter atuado na educação, como se isso fosse algum óbice. De outro, Lima Vaz tem formação e atuou na área, mas sempre se destacou como autor dentro da herança humanista cristã, como bom jesuíta que era, sendo hoje bastante citado tanto na filosofia laica quanto na secular, bem como fora da filosofia, como nas áreas de teologia e filosofia do direito. E isto parece um obstáculo para se definir um perfil nacional do *scholar* no

¹ Eis o elenco de “filósofos do Brasil”: Farias Brito, Oswald de Andrade, Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Leonardo van Acker, João Cruz Costa, Caio Prado Jr., Álvaro Vieira Pinto, Miguel Reale, Florestan Fernandes, Luís Washington Vita, Paulo Freire, Henrique Cláudio de Lima Vaz, Hilton Ferreira Japiassu, Leandro Konder, Marilena de Souza Chauí, Antonio C. Wolkmer, Celso Luiz Ludwig e Euclides Mance.

século 20, pois, de um lado, teríamos superado o vínculo com a herança do intelectual orgânico da Igreja e, de outro, buscamos consolidar um intelectual público, laico e republicano. Nesse caso, Paulo Freire não seria bem-visto por quem advoga o profissionalismo estrito na filosofia, e Lima Vaz soa estranho para quem não abre mão da laicidade. Por isso, não parece conveniente estabelecer listas rígidas de candidatos a tipos ideais da *intelligentsia* entre nós, exceto alargando o critério de formação e atuação filosófica.

Ademais, fora os dois nomes apresentados (Freire e Vaz), há autores que ultrapassam as áreas estritas de formação filosófica e trazem muitas contribuições no campo interdisciplinar. Outros, sobrevivem à força do tempo e, independentemente de figurarem ou não nas listas de filósofos, são uma presença marcante na identidade cultural de um país. Exemplifico: Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. vêm sendo lidos e reinterpretados desde 1943 até 2017 como os intelectuais imprescindíveis do pensamento social e político brasileiro (MARQUES, 2024b). Por isso, pergunto: seria esse o caso por terem pouco ou nada a oferecer à compreensão filosófica do país, mesmo considerando que uma obra como *Casa grande & senzala* chegou à 53ª edição em 2023? Há que se questionar também se obras como as de Marilena Chauí e Newton da Costa nada têm a acrescentar à cena do pensamento brasileiro. Ademais, um pensador como Paulo Freire estaria restrito ao pensamento pedagógico, uma vez que não teve formação filosófica? Por certo, esse não parece ser o caso.

Conclusão

É tempo de retomar a questão inicial: quem são as/os possíveis filósofas/os brasileiras/os que participam da *ágora* internacional do pensamento com contribuições profundas, originais e válidas para o campo da filosofia? Ao lado dessa questão, poderíamos colocar ao menos mais duas outras: quais são os traços determinantes do intelectual brasileiro? E quais elementos desse intelectual são pertinentes para pensar a figura do filósofo latino-americano?

Certamente, a figura do intelectual brasileiro no campo da filosofia ganha muito com a análise e o rigor do tipo delineado por Ivan Domingues. Considerando as condições do fazer filosófico entre nós, não são poucos aqueles que compõem uma lista considerável de *scholars* com possibilidades de dar boas contribuições ao desenvolvimento do pensamento nacional. Há, por certo, um número muito maior de *scholars* que de intelectuais cosmopolitas globalizados. Os primeiros dependem quase que diretamente de uma dose de compromisso radical para pensar dentro do seu tempo e desenvolver uma obra capaz de considerar os lastros da sociedade e as demandas da política e da ciência em que estão situados. O *scholar* especializado reúne as virtudes das ciências humanas à *expertise* das ciências,

sobretudo quando aprende a trabalhar de forma interdisciplinar com as ciências sociais aplicadas e as ciências explicativas ou naturais.

Do outro lado do campo, o intelectual (intelectual cosmopolita globalizado) ainda está reservado a bem poucos candidatos. Não que isso seja uma escolha deliberada de um ou outro grupo, mas por requerer uma competência teórica capaz de ter o que oferecer à agenda internacional do pensamento. Com isso, estou dizendo que o intelectual cosmopolita globalizado continuará sendo uma *avis rara* em qualquer tempo e em qualquer lugar do mundo, como aliás em quaisquer ramos das ciências e das artes, pois raríssimos são aqueles que conseguem articular teoricamente sua herança cultural com questões que merecem ser pensadas em nosso tempo e em outras realidades. Para não sermos injustos e/ou acusados de demasiado restritivos, não é sempre que autores ultrapassam a marca de 50 edições com suas obras e, neste caso, estou me referindo aos pernambucanos Gilberto Freyre e Paulo Freire. Este, por acaso, foi o terceiro autor mais citado em 2016 dentro dos campos das ciências humanas e sociais no mundo, segundo a pesquisa de Green Elliot (cf. MARQUES, 2024a). Ainda assim seria justo dizer que ele pouco ou nada tem a oferecer à autocompreensão da FB?

Enfim, a figura do intelectual delineada por Ivan Domingues pode nos ajudar a pensar tanto o intelectual brasileiro quanto o latino-americano, considerando a condição periférica em que produzimos – questão geopolítica, como ele diz, marcada por nossa condição de ex-colônias de potências europeias –, mas sem nos lamentarmos ou propugnar o conformismo e a aceitação desse estado de coisas. Aliás, é o caso de considerar a atitude de independência e a necessidade de elaboração crítica desses legados históricos de nosso passado colonial, sabendo que na economia da produção filosófica há um forte elemento que induz à manutenção do cânone clássico da filosofia europeia. Assim, não se trata de buscar qualquer forma de parricídio, mas de buscar pensar radicalmente o que nos torna herdeiros e, ao mesmo tempo, diferentes de toda a tradição filosófica alheia. Afinal, não estamos fazendo *home office* filosófico enquanto filosofamos dentro da América Latina, com a cabeça no hemisfério norte, esquecendo que nossos pés continuam plantados no hemisfério sul.

Referências

- ARANTES, Paulo E. *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência dos anos 1960)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- BARRETO DE MENESES, Tobias. *Questões vigentes*. Obras completas, volume IX. Rio de Janeiro: Gráfica Editora de Paulo Pongetti & C., 1926.
- BEORLEGUI, C. *Historia del pensamiento filosófico latino-americano*. Bilbao: Universidad de Deusto, 2010.

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasil. Disponível em <https://bdtd.ibict.br/vufind/> Acesso em: 11 fev. 2025.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DOMINGUES, Ivan. *O continente e a ilha: duas vias da filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2009.

DOMINGUES, Ivan. *Lévi-Strauss e as Américas: análise estrutural dos mitos*. São Paulo: Loyola, 2012.

DOMINGUES, Ivan. “O sistema de comunicação da ciência e o taylorismo acadêmico: questionamentos e alternativas”, in *Estudos Avançados* 28 (81), p. 225-250, 2014.

DOMINGUES, Ivan. *Filosofia no Brasil: Legados e perspectivas – Ensaio metafilosófico*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

DUSSEL, Enrique, MENDIETA, Eduardo y BOHÓRQUEZ, Carmen (eds.) *El pensamiento filosófico latino-americano, del Caribe y “latino” [1300-2000]*. México: Siglo XXI e CREFAL, 2009.

FANTON, Marcos *et al.* “Philosophical research in Brazil: A structural topic modeling approach with a focus on temporal and gender trends”, in *Metaphilosophy*, v. 1, p. 1-45, 2024. Disponível em <https://doi.org/10.1111/meta.12700> Acesso em: 11 fev. 2025.

GRACÍA, Jorge & VARGAS, Manuel. Filosofia latino-americana. In: *Textos selecionados de filosofia latino-americana I*. MURAD, C. R. R. O.; MARQUES, L. Á (Orgs.) Pelotas: NEFIL Online, 2021. Disponível em [<https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/8147> Acesso em: 11 fev. 2025.

JAIME, Jorge. *História da filosofia no Brasil*. 4 vols. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Faculdades Salesianas, 1997-2002.

MANCÉ, Euclides. “El pensamiento filosófico brasileño.” In: *El pensamiento filosófico latinoamericano, del Caribe y “latino” (1300-2000): historia, corrientes, temas y filósofos*. DUSSEL, E.; MENDIETA, E. y BOHÓRQUEZ, C. (Edit.) México: Siglo XXI & CREFAL, 2009.

MARQUES, Lúcio Á. *A lógica da necessidade: o ensino de Rodrigo Homem no Colégio do Maranhão (1720-1725)*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

MARQUES, Lúcio Á. *Formas da filosofia brasileira: 12 aportes metodológicos à historiografia, metalinguagem e autocrítica da filosofia brasileira*. Cachoeirinha: Fi, 2023. Disponível em <https://www.loc.gov/item/2023312390/> Acesso em: 11 fev. 2025.

MARQUES, Lúcio Á. “Perspectives on Brazilian Philosophy in the Last Century”, in *Sententiae*, v. 43, p. 55-71, 2024a. Disponível em <https://doi.org/10.31649/sent43.02.055> Acesso em 11 fev. 2025.

MARQUES, Lúcio Á. “Autores de nós mesmos: a construção do intelectual brasileiro no século XXI”, in *Pensando: Revista de Filosofia* (UFPI), v. 15, p. 122-133,

2024b. Disponível em <https://doi.org/10.26694/pensando.vol15i36.6066> Acesso em: 11 fev. 2025.

MARQUINEZ ARGOTE, German. *¿Que eso de... Filosofía latinoamericana?* 2ª ed. 6ª reimpr. Bogotá: El Buho, 1983.

MENDIETA, Eduardo. (2021). "Filosofia da libertação." In: MURAD, C. R. R. O.; MARQUES, L. Á (Orgs.). *Textos selecionados de filosofia latino-americana I*. Pelotas: NEPFIL Online, 2021. Disponível em <https://guaiaica.ufpel.edu.br/handle/prefix/8147> Acesso em: 11 fev. 2025.

MURAD, C. R. R. O.; MARQUES, L. Á. (orgs.) *Textos selecionados de filosofia latino-americana I*. Pelotas: NEPFIL Online, 2021. Disponível em <https://guaiaica.ufpel.edu.br/handle/prefix/8147>

NOBRE, M. e REGO, J. M. *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000.

NUCCETELLI, Susana. "Filosofia Latino-Americana: Fundamentos Metafilosóficos." In: MURAD, C. R. R. O.; MARQUES, L. Á (Orgs.). *Textos selecionados de filosofia latino-americana I*. Pelotas: NEPFIL Online, 2021. Disponível em <https://guaiaica.ufpel.edu.br/handle/prefix/8147> Acesso em: 11 fev. 2025.

NUCCETELLI, Susana, SCHUTTE, Ofelia, BUENO, Otavio. (orgs.) *A Companion to Latin American Philosophy*. Malden, Mass./Oxford: Blackwell/John Wiley, 2010.

PRADO JR., Bento. *Alguns ensaios: filosofia, literatura, psicanálise*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SEABRA, Murilo. *Metafilosofia: lutas simbólicas, sensibilidade e sinergia intelectual*. 2ª ed. Brasília: Bibliofonte, 2014.

SEABRA, Murilo R. et al. "Cognitive colonialism: Nationality bias in Brazilian academic philosophy", in *Metaphilosophy*, vol. 54, issue 1, 2023. Disponível em [<https://doi.org/10.1111/meta.12608> Acesso em: 11 fev. 2025.

VITA, Luiz W. *Panorama da filosofia no Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1969.